

LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiro, Luta!

Journal of Brazilian History

Nº 4

**JANEIRO
FEVEREIRO
1948**



**LEIAM
DIVORCIO!**
NESTA REVISTA

Franklin Roosevelt

"O apóstolo da paz"

REVISTA LUTA

R. Quintino Bocaiuva, 62
Tel. 2-7600 — SÃO PAULO

Luta!

Ano II — N.º 4
JANEIRO
FEVEREIRO
1948

Diretor Proprietário
D. CARLOS DUARTE COSTA

Revista-Mensal-Ilustrada

REDAÇÃO

Rua da Constituição, 10 — sob.
Fone: 22-7368

RIO DE JANEIRO

SUCURSAIS:
SÃO PAULO:

Antonio Mellace Netto

Rua Quintino Bocaiuva, 88 — 2.º

Fone: 2-7608 - S. Paulo
SANTOS:

Rua 15 de Novembro, 28 - 3.º - S/317
BELO HORIZONTE

Escritório: Rua Moscovita, 428.

UBERLANDIA — M. GERAIS:

Euler Lannes Bernardes

Rua Guarani, 86 — Uberlandia

CABO-FRIO — Rio de Janeiro:

Farah Elias Farah

LAGES — Santa Catarina:

Dom Antidio José Vargas

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Rua Marquês de Caxias, 199.

Walter S. da Costa

Fone: 492 - Cidade de Rio Grande

PRECISAMOS DE AGENTES PARA
OUTRAS CIDADES

ASSINATURAS

Capital Federal Cr\$ 30,00

Nos Estados Cr\$ 40,00

NUMERO AVULSO

CAPITAL Cr\$ 3,00

ESTADOS Cr\$ 4,00

A Direção não se responsabiliza por
artigos assinados

ANUNCIOS

TABELA DE PREÇOS

Capa Externa (inteira)	Cr\$ 1.000,00
Capa Interna (inteira)	Cr\$ 900,00
1 Página Interna (inteira)	Cr\$ 800,00
1/2 Pág. interna (vertical ou horizontal)	Cr\$ 500,00
1/4 Página interna (7 cm. x 11 cm.) ..	Cr\$ 300,00
1/8 Página interna (7 cm. x 5 cm.) ..	Cr\$ 200,00
1 rodapé (16 cm. x 5 cm.)	Cr\$ 300,00



LEIAM

DIVORCIO!

— DE —

ALICE AFRA DE CARVALHO

(Do Inst. de Cultura e do Centro Carioca)

OS ATRAZOS DE "LUTA!"

Toda sorte de embaraços dificultam a vida de uma revista em choque franco contra todas as tiranias como é LUTA!

Além da natural pobreza de recursos econômicos de um movimento que conta apenas com as contribuições dos adeptos da causa que defende — ainda devemos vencer uma obra sistemática de boicotagem e de sabotagem com a qual os nossos poderosos inimigos nos pretendem esmagar.

Afóra isso, ainda temos tido de suportar dificuldades de ordem gráfica, que contribuíram para um novo atraso no aparecimento deste número.

Entretanto, contando com a cooperação ativa de todos os companheiros, trataremos de regularizar o aparecimento de LUTA! — cuja existência dia a dia se torna mais necessária no ambiente nacional.

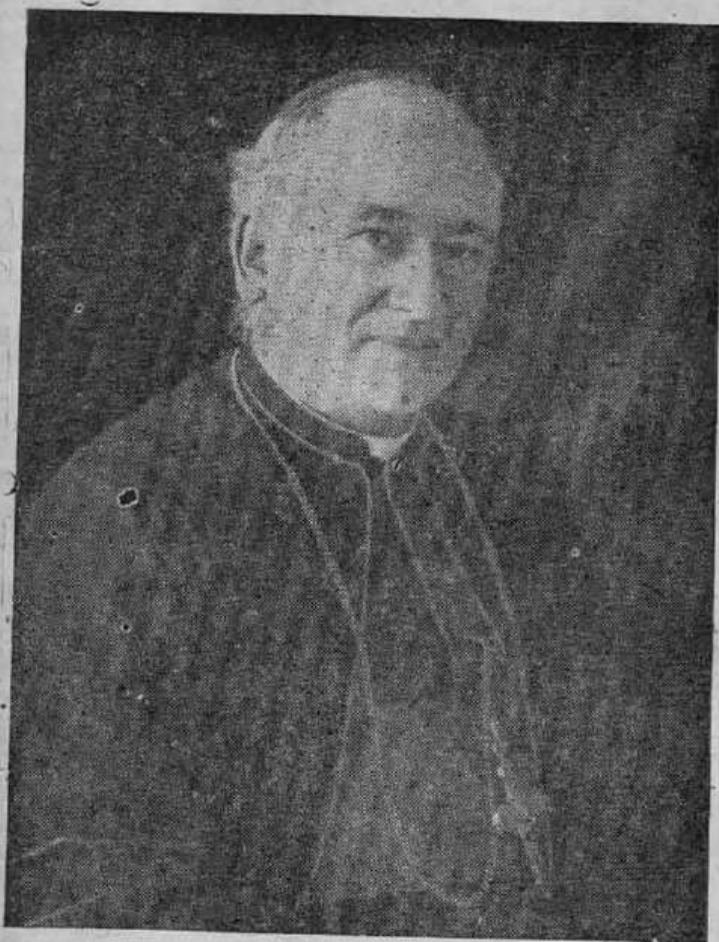
LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiro, Luta!

A CONFISSÃO AURICULAR

Escreve:

+ Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro



Dom Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

A Igreja Romana não pode apresentar documentação, da prática da confissão auricular nos primeiros séculos do cristianismo, quando grande era o fervor dos sequazes de Cristo, desejosos todos de manifestar a sua fé e todos disputando as honras e glórias do martírio.

Si a confissão auricular foi, sempre, condição necessária para a salvação das almas, como

faz crer a Igreja Romana, os primeiros cristãos perderam, todos eles o reino dos céus.

Os escribas e farizeus modernos não podem fugir da seguinte argumentação: Ou todos, unanimemente, rejeitaram a confissão auricular, revoltando-se contra a sua instituição, por Cristo; ou então não a praticaram, porque Cristo nunca a instituiu. Não é possível que homens e mulheres, dispostos a dar a sua vida, como deram, para confessar, publicamente, a sua fé em Cristo, rejeitassem uma instituição, julgada, por Ele, necessária à salvação das suas almas. Uma vez que não há vestígio, nos primeiros séculos do cristianismo, da confissão auricular, segue-se, como consequência lógica, que a confissão auricular é uma instituição humana.

Com efeito, é no ano 758, isto é, no oitavo século, que deparamos com a confissão auricular, praticada pelos religiosos do Oriente.

Revolvamos as páginas da história, para saber quem eram esses religiosos do Oriente. E verificaremos que eram um pálida imagem do que são, hoje, em pleno século vigésimo, esses frades e essas freiras, que vivem nesses conventos, verdadeiros antros de perdição. Eram tantas as irregularidades, tão grande o fanatismo, tão deploráveis os maus costumes, que os monges orientais passaram a ser tidos como elementos perniciosos à sociedade. Para que todos tenham uma idéia clara da depravação moral existente nessa época basta dizer que viviam em promiscuidade monges e monjas. E estes foram os instituidores da confissão auricular!

Convindo à Igreja Romana semelhante instituição, no ano 1215, o "papa" Inocêncio III estabeleceu como obrigatória a confissão auricular o que foi confirmado, posteriormente, pelo Concílio Tridentino, iniciado em 1515 e terminado em 1563.

Sobre a confissão auricular diz S. Agostinho: "Que tenho eu com os homens para que ouçam as minhas confissões como se pudessem sarar as minhas enfermidades? O mundo é curioso

para conhecer a vida alheia, mas preguiçoso para corrigi-la”.

Antes de S. Agostinho, já o grande S. João Crisóstomo havia escrito: “Não vos convidamos a ir confessar os vossos pecados aos vossos semelhantes, mas só a Deus.”

Nestório, Patriarca de Constantinopla, nos anos 428-431, por um ato público, que os melhores historiadores da Igreja Romana sempre reconheceram, proibiu solenemente, a prática da confissão auricular, dizendo: “assim como sempre houve ladrões, bêbedos e outros malfetores, assim, também, houve, sempre, homens e mulheres que, sob pretexto de confidências, para consolação e edificação mútua, se entregavam a toda espécie de iniquidades e de concupiscência”.

A confissão auricular, nós a encontramos praticada, entre os primitivos “hereges”, com especialidade Marciano, escrevendo sobre ela os seus contemporâneos: “Certas mulheres tinham por costume procurar o “herege” Marciano, a fim de lhe confessarem os pecados. Este, porém, deixou-se impressionar com a sua beleza, terminando correspondendo ao amor e pecando com elas”.

S. Basílio, no comentário do salmo XXXVIII, diz sobre a confissão: “Não me apresento, ao mundo, para fazer uma confissão com os lábios. Fecho, ao contrário, os meus olhos, no segredo do meu coração. Em Tua presença, ó Deus, solto os meus suspiros, e És a única testemunha deles. Os meus gemidos são os do interior da minha alma. Para confessar não são precisas muitas palavras; o pesar e a contrição representam a melhor forma de confissão. As lamentações da alma que Te dignares escutar, são a melhor confissão.”

E, ainda, Crisóstomo quem, na sua Homília “De poenitentia”, vol. IV, col. 901, diz: “Não tendes necessidade de testemunhas da vossa confissão. Reconhecei, em particular, os vossos delitos, e Deus seja o único que vos ouça.”

Na sua Homília V, “De incomprehensibili Dei natura”, vol. I, diz: “Portanto, suplico-vos que sempre confesseis os vossos pecados a Deus! Eu, vos peço, não os confesseis a mim. Só a Deus deveis descobrir as feridas da vossa alma, e dele só, deveis esperar o lenitivo. Recorrei, pois, a ele, e não sereis repellidos, mas sarados, pois, antes de pronunciardes uma única palavra, Deus já terá atendido ao vosso pedido”. E, na sua Homília do Salmo I, diz: “Confessai os vossos pecados todos os dias em oração. Por que haveis de hesitar nisso? Não digo que vos confesseis a um homem, tão pecador como vós, que vos poderia desprezar, si conhecesse as vossas faltas; mas confessai a Deus, que vô-las pode perdoar.” Na sua “Catechessis ad Illuminandos”: “o que mais nos deve admirar é que Deus não só nos perdoa os pecados, mas, também os não divulga, nem quer que os divulguemos. Exige que confessemos as nossas transgressões a Ele só, para obtermos o perdão”.

Na bela Homília sobre o Salmo XXXI, S. Agostinho diz: “Confessarei ao Senhor a minha injustiça, e Ele me perdoará todas as minhas iniquidades. E tal confissão não é feita com os lábios, mas somente com o coração. Eu mal abri

a boca para confessar os meus pecados e foram perdoados, porque Deus tinha ouvido a voz do meu coração”.

Na edição dos S. S. P. P., por Migne, vol. 67, pp. 614, 615, lemos: “Cerca do ano 390, o ofício do penitenciário foi abolido na Igreja, em consequência de um grande escândalo causado, por uma mulher, que se acusou, publicamente, de ter cometido um crime contra a castidade, juntamente, com um diácono”.

A Igreja Romana, agindo com desonestidade, como sempre age, procura estabelecer confusão, na citação de trechos dos Santos Padres, quando estes dizem que os pecadores procuravam este ou aquele presbítero, este ou aquele bispo, a fim de confessarem seus pecados. Aqueles, porém, que conhecem a história eclesiástica sabem que os Santos Padres aludem sempre a confissão pública, feita no penitenciário. Este ofício do penitenciário, existia nas principais cidades. Ao penitenciário competia a presidência das reuniões da Igreja, cujos membros haviam cometido alguma “falta pública”, sendo feita então a confissão publicamente, na presença de todos os membros da comunidade cristã. Por esse meio, ficavam reabilitados, depois da sentença pronunciada pelo penitenciário. Foi o que se passou com o incestuoso de Corinto, de que nos fala S. Paulo.

Não passa, pois, de uma impostura a confissão auricular.

No confissionário, a mulher perde a sua dignidade e quebra os laços sagrados do matrimônio ou corrompe a pureza de sua castidade.

No confissionário é que se corrompe a criança arrancando-lhe a inocência, com as perguntas que faz o sacerdote.

Pervertida a criança e conquistada a mulher, a Igreja Romana, pelo confissionário, está senhora de todos os caminhos, gozando da prostituição da alma e do corpo da mulher, para aumentar o seu império econômico, no mundo inteiro.

Esse é o “cristianismo” romano. Essa é a “civilização cristã” defendida, com tanto denodo, nesta hora trágica da Humanidade pelo “deus” do Vaticano.

Acabemos com esse estado de coisas dando ao Brasil, o cristianismo e a civilização que ele merece e quer.

Que Deus nos ajude a libertar o Brasil do Vaticano!

Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1948

AGUARDEM
“O PAPA & CIA.”
-- de --
Jayme de Figueiredo

Jesus em Buenos Aires

SE JESUS CRISTO VOLTASSE A TERRA E REPETISSE AS MES-
MAS PALAVRAS QUE PROFERIU HÁ VINTE SÉCULOS... O QUE
ACONTECERIA COM ELE?

ENRIQUE MÉNDES CALZADA

A chegada de Jesus de Galiléia a Buenos Aires passou despercebida para a maior parte dos habitantes da cidade. É verdade que o bom Rabi, por motivos de índole particular viajava incógnito, e os grandes diários, na seção destinada à Vida Social, não publicaram a notícia. Esta omissão não causará a menor estranheza se levarmos em conta não se tratar de nenhum abastado comerciante desta praça, de nenhum leiloeiro rico, de nenhum chefe de expedição ao deserto e de nenhum descendente de explorador. É assinalado-se que não ignoro que Jesus esteve no deserto durante quarenta dias. Mas, que são quarenta dias, que significam quarenta dias em comparação com os meses, os anos que passaram nêlo quase todos os nossos generais?... Em resumo, tratava-se de um viajante insignificante, de um senhor, enfim, com muito talento mas com muito pouca bagagem. E não são estas, absolutamente, as condições necessárias para figurar dignamente na Vida Social; muito pelo contrário.

Segundo parece, uma vez chegado à cidade, Jesus apresentou-se em um hotel aristocrático — isto é, em um hotel caro — com o propósito de nêlo hospedar-se; mais, nem bem pisou os pés no fôfo tapete do vestibulo, um laço saiu ao seu encalço. Era este um brutamonte, um homem alto e robusto que se distinguia, como de hábito em sua profissão, pela boa roupa e pela falta de educação. Trazia à cabeça um boné ornado, onde ressaltavam umas cabalísticas letras bordadas a ouro e vestia um traje escuro, profusamente enfeitado de botões e passamanarias, tudo isso dourado. A simples presença daquele homem intimidou Jesus, que o julgou um militar. Acovardado não se atreveu a dirigir-lhe a palavra. O homem do boné enfeitado, pelo contrário, logo que viu a indumentária de Jesus, sentiu-se eloquente. Irritado, repreendeu o viajante, usando expressões desconhecidas de Jesus:

— Fora daqui! — disse. — Não sabe que é proibido pedir esmolas?... Vá trabalhar, fora. Fora daqui, mandrião, vadio! fora, imediatamente, se não quer que o mande levar pelo guarda!...

Jesus não se alterou, não respondeu com palavras violentas, porque seu natural foi sempre a suavidade. Limitou-se a dizer que não vinha pedir esmolas, mas sim que desejava hospedar-se ali por alguns dias; que não lhe faltaria com que pagar, pois ainda possuía algum dinheiro. De fato, contra seus hábitos, trazia então algumas moedas de prata com o fim de dá-las aos pobres que encontrasse no caminho.

Quando Jesus acabou de falar, ocorreu algo de vergenhoso. Dois quatro, seis novos famulos, que se foram juntando ao primeiro, enquanto Jesus falava, soltaram uma brutal, interminável, indescrevível gargalhada. Inclinavam e riam como loucos. Pronunciavam as vezes palavras sufocadoras, frases incompletas, como: "É um louco, vadio, que tipo estranho!" e outras expressões da mesma espécie. O bom Jesus foi levado aos emurrões e, mesmo longe dali, ainda escutava os gracejos e doestos que deixava às suas costas. Sobre tudo, escutava atrás de si, repetida obstinadamente, aquela palavra incompreensível e estranha para ele:

— Vadio! Vadio!

Quando se viu bem distante dos criados, sacudi as alpercatas, pois foi ele quem disse: "Sai de casa daqueles que não vos queiram receber, nem ouvir vossas palavras, e sacudi o pó de vossos pés".

Não sabendo Jesus para onde se dirigir, pôs-se a andar ao léu, para os bairros do sul. Dir-se-ia que exercessem atração sobre ele os lugares onde vive a gente pobre. Andando, andando, chegou ao Riachuelo, onde se deteve a olhar o trabalho dos marinheiros e dos estivadores. Depois

dirigiu-se a um restaurante, sobre cuja porta se lia este letreiro: "The Friendship-Open day and night". No cristal da vitrina havia umas inscrições estranhas, tão caprichosas e complicadas como o rasto de um caracol sobre um caminho. O dono, um judeu, acedeu em dar pousada a Jesus, depois que este lhe entregou algumas moedas de prata, que o bom homem supôs serem turcas. Lamentou-se de que aquilo o obrigasse a ir a casa de cambio, expressando de passagem sua opinião de que os cambistas são todos uns ladrões. Queixou-se, também, de que "os tempos estão ruins", o que costumava a dizer a todos os novos hóspedes.

Em sua caminhada, o Nazareno chegou, depois, à praça de Mayo, onde, para descansar, sentou-se em um banco, ao lado de um homem sujo e com cara de fome, que lia com grande atenção a página de anúncios de um jornal. Depois de alguns instantes de leitura, o homem, demonstrando mau humor, dobrou o diário e pô-lo ao seu lado, enquanto dizia irritado:

— Nada! Não há trabalho... Mais um dia a pão e água, se encontrar quem os dê... Maldita seja!... — e proferiu uma feia blasfêmia.

Jesus, então, repreendeu-o docemente, dizendo suaves palavras de bem. O homem sorria com ar zombeteiro e exclamou:

— Sim, sim. Tudo isso que o senhor diz já o disse Jesus há 20 séculos e veja como estou; veja como está o mundo.

Sem se dar a conhecer e como se tivessem aproximado vários desocupados que se encontravam nos bancos próximos, o Galileu continuou falando.

Dizia:

— "Bem-aventurados vós que agora estais com fome; porque sereis saciados. Bem-aventurados vós que agora chorais, porque rireis."

Ai de vós, os ricos! Ai de vós, os que estais fartos! Porque tereis fome. Ai de vós, os que agora

rides! Porque lamentareis e chorareis.

“Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. Mas, digo-vos, que será mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus.

“Digo-vos mais, que o trabalhador mereceu o seu alimento.

“Não penseis que vim a terra para trazer a paz, mas sim a espada”.

Enquanto isso, reunira-se em torno a Jesus uma multidão. Desocupados, empregados que saíam de suas fábricas, rodeavam e ouviam com prazer suas palavras. Entre eles, havia também um sacerdote e um banqueiro.

E Jesus continuou falando:

— “Guardai-vos dos que gostam andar com roupas comoridas, dos que prezam as saudações nas praças, dos que tomam as primeiras cadeiras nos templos e os primeiros assentos nas ceias; que se apoderam das casas das viúvas, pretextando a longa oração. Estes receberão maior castigo.

Ao ouvir essas palavras, o sacerdote estremeceu e afastou-se dali, benzendo-se. E Jesus, lançando um olhar em redor, prosseguiu:

— “Vedes tudo isso? Em verdade vos digo que não será deixada aqui pedra sobre pedra que não seja destruída”.

O banqueiro horrorizou-se, ficando pálido de estupor e de ira. Porque lhe pareceu que Jesus apontava os grandes edifícios onde se guarda o dinheiro. Correu imediatamente para chamar um polícia.

— Veja, senhor guarda — disse-lhe — detenha já sob minha responsabilidade, aquele vadio charlatão. Está propalando idéias subversivas.

O guarda dispôs-se a fazer o que se lhe recomendava, mas encontrou resistência da parte de alguns dos assistentes. Então, um grupo de rapazes bem vestidos que passavam por uma rua próxima veio em auxílio do agente da ordem. Produziu-se um tumulto. Alguns perguntavam:

— Que é? Que se passa?

— Um marxista, um subversivo! — respondiam outros. E muitos correram para se ocultar nos portais, com medo das bombas.

Ouviam-se gritos de “Morra o russo, morra o judeu!”

Os rapazes apoderaram-se de Jesus, arrastaram-no, rasgaram-

lhe as roupas, queimaram-lhe as barbas. Ao primeiro guarda reuniram-se vários outros, que cercaram Jesus para levá-lo à Chefia de Polícia. Neste momento, passava próximo ao sítio onde se verificaram êste acontecimentos a presidenta da Congregação das Adoradoras do Coração de Jesus! Ao ver o tumulto — que provocara a paralisação do trânsito — perguntou ao chofer de que se tratava e, depois de informada, vendo os policiais levarem preso o “anarquista”, disse a respeitável senhora:

— Bem-feito!... Deve-se exterminar de uma vez com êsses infames que pretendem destruir a obra de nossa religião. — E persignou-se.

Na Chefia de Polícia, obrigaram Jesus a depor.

— Sois, então, marxista? — perguntou-lhe o comissário.

E como Jesus silenciasse, acrescentou:

— Vejo que ficaste mudo, mas aqui temos um remédio para isso. Dar-te-emos com o couro de boi até falares...

Jesus, então, falou:

— “Bem claramente falei à face do mundo. Ensinei nos lugares onde o povo se reúne; e nada falei ocultamente”.

“Por que me perguntas a mim?... Pergunta aos que me ouviram o que lhes disse. Êsses sabem o que falei.”

Nisto, um guarda agarrou Jesus por um braço, sacudiu-o, e deu-lhe uma bofetada.

Jesus respondeu:

— “Se falei mal, dê-me testemunha do mal. Se falei bem, por que me feres?”

— Oficial de guarda, — falou o comissário, — transcreva as palavras deste sujeito. E' preciso que façam parte do sumário que será enviado ao juiz. Trata-se de um perturbador da ordem social.

Poucos dias mais tarde, Jesus foi metido em um vapor cheio de instrumentos de morte que o horrorizaram. Depois de algumas horas de viagem, desembarcaram-no em um edifício sórdido, onde se vacinavam outros homens. Antes de partir um comissário, que tinha uma lista à sua frente, perguntou-lhe:

— Como te chamas?

E o bom Rabi respondeu:

— Jesus.

— Jesus! Jesus de quê? não tens sobrenome?... Não tens pais?... Vamos, compreendo, compreendo... — E sorriu de maneira velhaca, com sorriso de homem que está a par das misérias humanas. — Escreva, oficial, — acrescentou — escreva: Jesus N., árabe, sem ocupação conhecida. Agitador profissional.

SOCIAIS



Fotografia tirada após o batizado do interessante menino Heyder, filho do casal Nilton Bahia da Rocha e neto de D. Zilda Bahia da Rocha e do sr. Manoel Ramos.

A cerimonia teve lugar no dia 7-XII-1947.

DIVORCIO!

75 x 38

Escreveu: ANTONIO RINO



O clero romano é o unico culpado da situação infame em que vivem tantos desquitados no Brasil. Combate o advento do "DIVORCIO" para "permitti-lo" a altos preços no célebre TRIBUNAL DA ROTA...

Em 1893, Erico Coelho oferecia a Camara dos Deputados um projeto de lei que tomou o n. 42 e versava sobre o casamento civil. Alguns de seus artigos encerravam disposições que não poderiam faltar numa lei do casamento civil; tratavam do divórcio.

Assim, há 52 anos se cogita no Brasil de divorcio, e quando uma idéia fica tanto tempo no pensamento dos homens é que se faz necessário um dia admiti-la.

Não iremos transcrever agora aqueles artigos, primeiro porque não está ao nosso alcance o projeto n. 42 e depois porque julgamos mais interessante resumir os debates travados na Camara Federal em torno deles, entre os 184 srs. deputados que a compunham.

Na sessão de 1º de outubro de 1894, continuava o projeto em 1ª discussão e constou da 2ª parte da ordem do dia. O deputado

Costa Machado dele falou longamente, propondo-se demonstrar a Casa e ao país que o casamento "nunca foi, não é nem há de ser uma instituição religiosa" e que o que tinha em nosso país "o nome de casamento civil, não é casamento civil ainda é o próprio casamento religioso". O sr. Olimpio de Campos, sacerdote católico, também deputado, dá um "não apoiado". Mas o sr. Costa Machado prossegue, explicando, que vai sustentar o divórcio, con-

O celibato sacerdotal como fator de aberrações sexuais

Ao Reverendissimo Dom Carlos Duarte Costa, eminente e destemido defensor e apóstolo de uma crença que não explora a boa fé dos pequenos, nem encobre e estimula a hipocrisia dos grandes.

PROF. JOAQUIM PIMENTA
(Catedrático da Faculdade Nacional de
Direito da Universidade do Brasil e da
Faculdade de Direito do Rio de Janeiro)

Não faz muitos anos, diversos sacerdotes romanos requereram ao Papa a permissão de se desvencilharem, pelo casamento, de um compromisso em flagrante antagonismo com leis naturais irrevogáveis, por isso mesmo impossível de se manter invulnerável entre as frágeis dobras de uma batina... Não foram, infelizmente, atendidos, porque a tanto se tem oposto a obstinada, impertinente e ríspida decrepitude de velhos doutores em cuja alma, ebrugada por achaques e desilusões, se apagara, com o sentido da vida, o sentido que a renova,, do versículo bíblico, o qual prescreve a todos os homens, profanos ou levitas, o sacro dever de perpetuação da espécie. Em que pese ao vesgo carrancismo dogmático, não vemos por onde o matrimônio desvirtue, no padre, a sua missão sacerdotal; nem contrarie o espírito evangélico, nem desminta a tradição apostólica dos primeiros séculos do cristianismo em que era largamente tolerado entre eclesiásticos. O padre, no ambiente tranquilo de um lar, livre de pesadelos eróticos, seria muito mais casto em atos e em pensamentos amaria com mais fervor e dedicação as suas ovelhas; compreenderia melhor a santidade das virtudes domésticas, estófo das virtudes sociais, conheceria mais de perto a dor e as seduições do prazer; teria da existência uma visão mais exata, mais nítida, mais humana, que lhe não comunicam anacrônicos e rabujentos compêndios de ética medieval, alguns dos quais excelentes para aguçar a maldita curiosidade do pecado...

Deixaria de ser um prolongamento do seminarista, ingênuo, bisonho, inexperiente, ou já pervertido por vícios secretos; tendo abandonado o seu cubículo de estudante sem nunca haver sorvido o hálito forte da vida tumultuosa deramando-se lá fora por entre paixões e enfermidades morais, cuja profundez e extensão ele ignora, tímido, indeciso, com um horror, muitas vezes hipócrita, de pequeninos nações, inapto para auscultar, para sentir a verdade e imprimir-lhe o calor juvenil de uma crença.

Em que deslustraria o seu apostolado a convivência com uma esposa carinhosa fiel cumpridora dos seus deveres conjugais, podendo tornar-se em colaboradora magnífica da sua obra de condutor de almas? Que mal poderia fazer à convencional austeridade do seu ministério o puríssimo sorrir de uns lábios de criança?

Haverá, por ventura, maior contrasenso do que o de se vedar despoticamente a indivíduos

dotados, como quaisquer outros, da mesma vitalidade genésica, com as mesmas tendências hereditárias, a mais legítima alegria de viver, de sentir a existência no seu dinamismo profundo que é procrear, e procrear honestamente, pacificamente, à sombra sacrosanta das leis eclesiásticas e sob a tutela vigilante das leis civis?

E por que lhes recusam tal direito é que milhares de varões, impelidos por um instinto irrefreável, que descobrem logo nas primeiras páginas do *Genese*, decidindo dos destinos do homem, acabam por quebrar os vínculos de um voto de castidade absurdo e monstruoso, resvalando, como veremos adiante, nas mais sórdidas aberrações sexuais, embora continuem a desfrutar a beatífica e doce paz dos tabernáculos, tidos ainda como protótipos de virtude pela devota credulidade dos seus rebanhos...

Já afirmamos que o matrimonio era, nos primeiros séculos do cristianismo, largamente tolerado entre eclesiásticos, não sendo, em face dos preceitos evangélicos, incompatível com a natureza e a instituição do sacerdócio.

Para melhor orientar os nossos leitores pouco versados em estudos de exegese cristã, e para afastar a suposição de que procuremos acomodar a verdade histórica a sentimentos sectários que absolutamente não cultivamos, vamos reproduzir, quase literalmente alguns tópicos da análise serena e insuspeitíssima a que submeteu as origens do celibato eclesiástico, na Igreja Romana um dos seus mais conspícuos historiadores, o abade E. Vacandard, análise que ocupa um capítulo de 50 páginas do seu livro: *Études de critique et d'histoire religieuse*, editado em 1906, com o respectivo *imprimatur* da autoridade diocesana.

A primeira face da questão, que o crítico põe em foco é se a lei do celibato remonta aos Apóstolos ou se data do ano 300, do concílio de Elvira. Os que aceitam a primeira hipótese, apoiam-se em mais de uma passagem da Escritura, notadamente da Mateus e de Paulo, alusivas as "idéias de pureza e continência que formam o princípio inspirador do celibato eclesiástico", e também na circunstância de ser o mesmo praticado desde a mais alta antiguidade pela maioria dos clérigos elevados às ordens sacras. "Mas, acrescenta logo adiante o historiador romano, havia ali, parece o fruto de um desejo pessoal de alta perfeição, ou, como queiram, o efeito de uma recomendação de S. Paulo... Não

Por aí se explica que “numerosos bispos, padres ou diáconos casados, tivessem, após a ordenação, continuado a cohabitar com as suas esposas; incapaz de impor-se, como a maior parte dos seus colegas, o sacrifício de seus direitos conjugais, ou pouco dispostos a fazê-lo, não teriam sido menos verdadeiramente edificantes, como ninguém lhes poderia censurar a violação das leis da santa Igreja”. Para o abade Vandard, a prática do celibato eclesiástico abraça dois períodos: o primeiro (do século 1º ao 4º) em que ela é tida por uma honra, sem ser propriamente obrigatória na Igreja latina, como na Igreja grega; o segundo, em que ela é submetida a leis precisas muito mais rigorosas no Ocidente do que no Oriente.

De parte uma abundante documentação contemporânea dos primeiros séculos de apologética cristã, pela qual conclui Vacandard reafirmando a ausência de uma formal imposição do celibato aos eclesiásticos, vale a pena invocar o seguinte episódio ocorrido em uma das sessões do concílio de Nicéia, episódio que ele reproduz do historiador Sócrates, e cuja autenticidade defende com veemência:

A partir do século 4º é que começa a intensificar-se entre teólogos, entre pontífices, em

—:—:—:—:—:—:—? L U T A ! :—:—:

X
do celibato lutou com dificuldades inauditas. E refere que "em 1119, o arcebispo Geffroy, tendo querido impôr aos padres casados da sua diocese a lei do celibato, foi apupado na sua catedral; houve mesmo nessas ocasiões cenas de pugilato".

Nos séculos XIV e XV, novo período de crise. "Foi preciso, diz Vacandard, no fim do seu estudo crítico-histórico, o grande esforço tentado pelo concílio de Trento (1545-1563) para conduzir o clero à observância da continência canônica".

E' ainda o abade que nos informa datar desse tempo a instituição ou antes o funcionamento regular dos seminários dos meios "o mais eficaz que se tenha encontrado para formar por uma

aprendizagem seria os futuros padres na prática de seus deveres e, sobretudo, na prática da castidade".

Resta, porém, saber se o ambiente de ascetismo forçado a que se submetem indivíduos ainda sem a idade de discernir sobre o seu destino, é realmente um antidoto capaz de neutralizar a ação do paradisiaco veneno que a matreira serpente inoculou nas velas virginais dos nossos remotíssimos genitores, e de encontro a cujos malféficos ou benéficos efeitos tem esbarrado, inútil, impotente, a terapêutica senil dos teólogos, dos papas e dos concílios...

Entremos na divulgação de fatos que atestam quanto tem sido perniciosa à sociedade à família e até mesmo à Igreja essa pertinaz insistência em exigir-se de homens normais, em plena virilidade, o recalçamento de um instinto que é a própria razão de ser da vida em sua contínua e eterna renovação. Os motivos de ordem moral, que aluzimos, contra a instituição do celibato eclesiástico, além de não se chocarem com o espírito e a tradição do cristianismo primitivo, solidamente assentam no determinismo de leis naturais que a nenhum poder, humano ou sobre-humano, é dado revogar ou sustar, sob pena de ser por elas coibido, anulado, desfeito.

Aqueles que, pela violência ou empolgados pelo delírio místico, tentam reagir contra as solicitações irreprimíveis do instinto sexual, respondendo a natureza despedaçando dogmas e votos, convertendo-lhes as volúpias do êtase em alucinações do pecado... As penitências mais duras os jejuns mais prolongados, os suplicios voluntários mais requintados, as noites de mortificante insônia ao pé de oratórios, quantos processos imaginados e em uso para torturar e deprimir a vil matéria do nosso corpo, tudo isso são outros tantos estimulantes dos sentidos, geradores de satânicas tentações a que as almas mais piás irremediável e lamentavelmente sucumbem.

Já entrou nos domínios dos assuntos vulgares que, de mórbidas manifestações eróticas intimamente entrelaçadas com o misticismo religioso, proporciona a história dos cultos largo e opulento campo de estudos ao patologista e ao clínico de moléstias mentais. A começar pelos grandes místicos, muitos dos quais a Igreja Católica santificou, sabe-se que terríveis combates interiores lhes custava a castidade absoluta em que concentravam os seus anseios de perfeibilidade cristã. Assim, S. Jerônimo, cuja arrogante e obstinada apologia da continência ainda faz hesitar os recalcitrantes, teve a sinceridade de escrever a Eustoquia:

"Eu, que no meu temor do inferno, me condenara a uma tal reclusão, eu que não tinha outra sociedade senão a dos escorpiões e das bestas selvagens, achei-me, todavia, muitas vezes entre côros de mulheres perdidas. Meu rosto empalidecera pelo jejum e, mesmo assim, o espírito queimava de desejos neste corpo frio e, nesta carne que parecia morta, acendia-se o fogo da volúpia". E Basílio, em carta a um amigo: "Tenho quase vergonha de dizer o que faço dia e noite nesta solidão; trazendo comigo as paixões que habitam em mim, sinto-me por toda a parte embaraçado. Também, no final de contas, não melhorei muito nesta solidão". E S. Bernardo



Pio II escreveu: "Por invencíveis razões interdito-se o casamento dos padres; porém, por mais invencíveis razões é preciso permiti-lo."

Para não citar muitos outros fervorosos paladinos da castidade, sempre em luta homérica com as tenebrosas *traíções* da Carne, conta-se que um velho sacerdote de Mursia, havia muito anos separado da mulher, em virtude do seu próprio ministério, ao sentir, nos seus últimos momentos, que ela se inclinava sobre ele para ouvir se ainda respirava, gritou com as poucas forças que lhe restavam:

Se os que se dão por amparados pela divina graça, nem sempre conseguem escapar a tentação, calcule-se o grande exercito de varões a serviço da Igreja, bem nutridos, robustos, vertendo saude, em pleno goso de suas forças viris! Destes naturalmente é que Natherius, de Verona, quando, manifestando-se sobre a lei do celibato a eles imposta, dizia que — "todos os tonsurados nao eram senao réprobos, entre os quais nao havia um so que não fosse adúltero ou sodomita". A eles ainda se poderia apicar a seguinte frase, ponderada e satirica, de um prelado inglês, tambem a proposito da separação obrigatoria da sala e da batina:

Abandonando o campo do misticismo religioso e dos estados de exaltação genésica a ele associados, nas corporações culturais em que a crença resvala para o automatismo psicológico de um simples hábito, quando não se torna em uma promessa, como outra qualquer, a tão apregoada castidade sacerdotal não passa de um embuste, de uma hipocrisia, dolorosa para uns e divertida para outros, só admissível em casos excepcionatíssimos, por deficiência vital, congênita ou adquirida, casos que, por isso mesmo, não podem servir de argumento decisivo em favor do celibato eclesiástico.

Climacus e de milhares de outros cândidos ascetas, ao contrário, mais o esporeia e o faz dessemear pelos desvios escusos das mais irrepreáveis aberrações sexuais.

Ch. Lea, na sua obra notável sobre a História da Inquisição, na Idade Média, ao referir-se às consequências funestas de tão monstruoso atentado as leis da natureza, assim se expressa:

Daqueles crimes *ainda piores* a que se refere o eminente historiador do execrando tribunal do Santo Officio, destacam-se o caso de adulterio de um padre de Orange com a madrastra e o incesto de um padre de Pádua com a propria mãe. Ainda no seculo XIV, e nos que se seguem, pode dizer-se, sem exagero, com o abade Albert Houtin, que "seria fastidioso empreender um quadro dos escândalos causados pelo clero, tanto secular como regular. Aqueles que quizerem ter uma ideia a respeito, podem recorrer às obras do frade espanhol Alvares Pelayo, do bispo de Mende, Guilherme Durand, dos reitores da Universidade de Paris, João Gerson e Nicolau de Clamengis. Durand não via diante da depravação dos costumes senão um único remédio: o casamento dos padres". (A. Houtin, *Courte histoire du célibat ecclésiastique*, p. 148).

— 12 — L U T A !



Novos Sacerdotes



No flagrante a esquerda, no alto e no da direita, vemos um aspecto da ordenação sacerdotal do diacono Raimundo Simplicio de Almeida, em 18 de Janeiro de 1948. Em baixo, a esquerda, um grupo formado por ocasião da ordenação sacerdotal do Pe. Olinto Pinto, Vigário da I. C. A. B., em Açu, no Rio Grande do Norte. Foto tirada em 16-11-47.

INDUSTRIAS DE CHOCOLATE LACTA S/A.

Rua José Antônio Coelho, 326

Tel. 7-5872

S. Paulo

SANTAC

EM APUROS OS FRADES

Devidamente autorizado pela I. C. A. B. o sr. Daniel Andrade em 30-12-47, deu vigorosa resposta as provocações insolentes que um tal Henrique Barison a soldo do "papa" vem fazendo à nossa igreja em Lages. O boletim-bomba, em boa hora lançado, mexeu com muita gente, e até com o "capitão" que, de mãosinha ao queixo e relógio-pulseira, parece ter desistido ultimamente do barulho peregrinante com "a N. S. Aparecida Expedicionária, para começar agora, espalhafatoso, com N. S. das Graças que, a seu ver, rende mais. — No jornaleco do Sr. Antonio Bortolotti, de 4 do corrente, uma porção de letras, (D. N. D. F. M.) — que alguém, com muito espírito, quiz traduzir por Departamento Nazista em Defesa do Fascismo Mistificador — assinou uma anedota pueril e promoveu a juiz um Budista Chinês, para a pretendida defesa da Igreja Romana. E sofismando através do ridículo conto da carochinha, o tal Departamento que se inscreve Nacional mas é Romano, transgredindo a dialética e tapeando a boa fé do Povo, tenta converter, em questão de idade, uma questão de veracidade. Neste caso, aconselhamos aos defensores do Romanismo deturpador que se convertam e passem todos para a religião Budista Chinesa. Com efeito a sua religião data de quatro ou cinco mil anos antes de Cristo, muito mais idosa do que a fórmula religiosa romano-papista. Também o Paganismo, dominante em Roma, quando foi fundada a igreja romana é muito mais velho do que esta e é o seu antepassado imediato. Podem escolher! Que irrisão, a igreja romana buscando provas e testemunhas na "autoridade" de um Budista Chinês!!! E agora perguntamos a quantos se arvoram em defensores do Romanismo papalino:

?A Igreja Apostólica primitiva, reunida em companhia da Virgem Mãe, no Cenáculo, em Jerusalém, capital da Judeia, ao dia de Pentecostes, quando recebeu o Espírito Santo, para que também falasse todas as línguas inclusive a língua do futuro Povo Brasileiro, aquela Igreja, repetimos, era verdadeira ou não? Era, respondeis, por certo. Entretanto, aquela Igreja Santíssima, assistida visivelmente pelo próprio Espírito de Deus, NÃO ERA romana.



Procissão votiva de Natal, realizada em Lages, S. C. em 25-12-47

?E o Concílio Apostólico em Jerusalém, no ano 50 depois de Cristo, lá mesmo onde fora fundada a "Santa Madre Igreja", na ordem cronológica e geográfica, foi por acaso, convocado ou presidido por algum "Papa Romano"?

?E as florescentes Igrejas Cristãs, fundadas paulatinamente por toda a Palestina, Asia Menor etc., antes, muito antes, da fundação da Igreja de Roma, eram tais Igrejas, papistas ou romanas? E essas referidas Igrejas, primitivamente Cristãs e Apostólicas, sem "papa romano", sem Vaticano, sem Guarda-Pontifícia, sem Colégio Cardinalício, sem Bandeira temporal, sem Polí-



Primeira comunhão em Lages S. C.

tica e sem Códigos de Direito Canônico, para Tribunais de Inquisição — ? quem ousaria taxá-las de Igrejas falsas, comunistas ou queljandas? — O representante graduado do Romanismo em nossa terra tem motivos de "andar sofrendo", prevendo como já de prevê o desmoronamento do seu reinado de monopólio. Em matéria de princípios, construiu em terreno movediço. Por isso tão cedo o citado órgão franciscano, em edição posterior, procura cambiar o rótulo, falando em "Nomeação de bispos brasileiros". Bispos romanos, no Brasil, eis o que são. Brasileiros, enquanto usufruem, muitos deles, os direitos de cidadania, e Romanos, enquanto bispos. Estrangeiros pela obediência incondicional, prometida e jurada, sob terribes penalidades canônicas. Funcionários de uma organização de caráter internacional, cuja política camuflada com a capa da Religião, persiste na escravização moral dos Povos, em proveito de uma casta que se julga proprietária exclusiva da própria Divindade quanto mais de N. S. das Graças. Acautelem-se as almas e os Cristãos sinceros! Em

ROMANOS EM LAGES

assunto religioso é preciso obedecer a Deus e aos sagrados princípios e não a fórmulas humanas, absurdas como diz o Apóstolo S. Pedro. Quanto à Igreja de N. S. das Graças que o "capitão" projeta construir, no suburbio onde, há muito tempo, o Bispo Diocesano, Dom Antidio, a pedido de Católicos Brasileiros, determinou se construísse uma Capela de promessa, dedicada a Nossa Senhora, nada existe, a nosso ver, que justifique o afobamento espectral, as raivas e os agravos do Sr. Alfredo Sertario — "O que, que há?! — Se o "capitão", por iniciativa própria ou alheia, resolver construir, em cada esquina das ruas desta cidade, uma igreja de uma determinada N. Senhora, parece que está no seu direito-torto. Sua alma, sua palma! No Brasil há liberdade de culto, e até a Igreja Romana, chefiada por um romano no Vaticano e sem personalidade jurídica dentro do País, ainda, tem liberdade de construir, com material, moeda e auxílios brasileiros, igrejas romanas no Brasil, para o povo ouvir missa em Latim. Entre as muitas existentes, será mais um balcãozinho

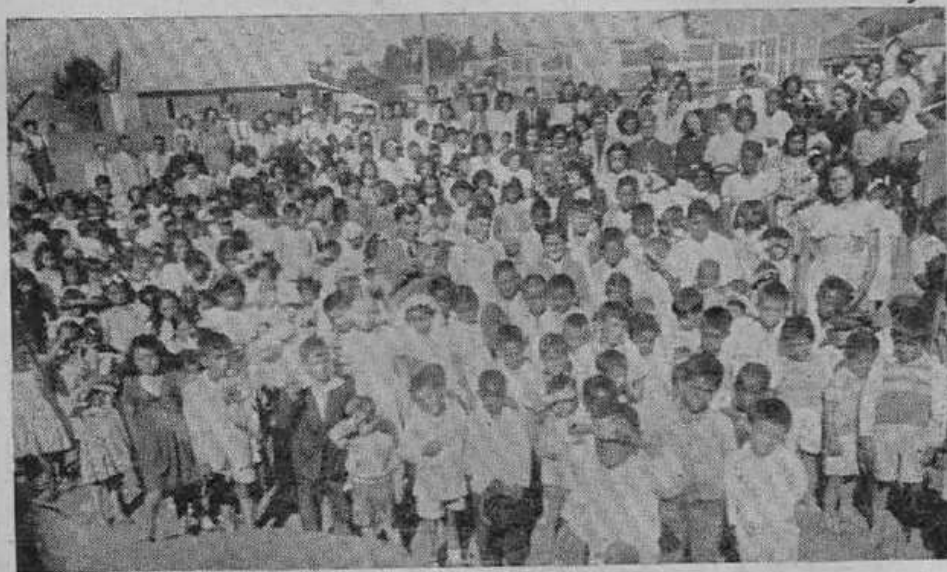


Aspecto da Juventude católica Brasileira de Lages, S. C. a grupada em redor do seu Bispo Diocesano por ocasião das Festas de Natal

romano, onde se vende medalhas, bentinhos, água etc. etc.! Água, até água, Santo Deus! Ainda se fosse no Ceará ou nos desertos africanos... O azar é para os "fiéis" que pagam impostos! Ali, na projetada igreja, aqueles que ainda acreditam no canto da Sereia ou estão presos pelo hipnotismo papalino, pagarão o preço do batizado, da crisma, da missinha de primeira, segunda ou terceira categoria. A igreja, dizem que será de N. S. das Graças; os milagres, dizem e ensinam, através do Cinema, que são do padre Antônio; e as rendas... Entretanto, o Povo, li-

vre e consciente examine e observe, com insenção de animo, o desenrolar desta luta bonita e vitoriosa da IGREJA CATOLICA APOSTOLICA BRASILEIRA.

Para a Igreja Romana, no Brasil, restará um caminho, conformar-se com o fato histórico da Independência Religiosa de Nossa Pátria, procurando, pouco a pouco e ainda que a contra gosto, por em prática os pontos da Reforma Católica no Brasil. Si não quizer faze-lo. grite, grite calunie a vontade, assumindo maiores compromissos, perante a consciência pública esclarecida.



Outro aspecto da distribuição de festas de Natal, promovida, em 25-12-47, pela I.C.A.B. em Lages S. C.

Fanáticos, ouvi as coisas que eu vos digo:

Dentro dessa prisão cruel do dogma antigo
A consciencia não pode estar paralizada,
Como num velho catre uma velha entevada,
Tudo se modifica e tudo se renova:
Da escura podridão nojenta de uma cova
Sai uma flor vermelha a rir alegremente,
A idea também muda a pel como a serpente,

O que era então grão é hoje a seara imensa.
A Verdade saiu desse casulo — a Crença,
Assim como saiu do velho o mundo novo,
Recolher outra vez a águia no seu ovo
É' impossível; quebrou o invólucro ao nascer.
Como é que podes tu, ó Igreja, pretender,
Cerrando na tua mão um box enorme — o inferno,
Levar aos encontrões o espírito moderno,
Levá-lo para trás, para o passado escuro,
Como um bandido leva um homem contra um muro?!

A trajetória imensa e fulva da verdade
Não se pode suster com a facilidade
Com que Josué susteve o sol no firmamento
Atirar a justiça, a idea, o pensamento
Às fogueiras da fé, ó bonzos, é impossível:
Reduzirdes a cinzas o que? O incombustível!

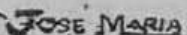
Loucos! Ide dizer ao velho Torquemada
Que queime, se é capaz, num forno uma alvorada!

..... Sacristas,
Ajuntai, reuni os balandraus papistas,
As fardas sepulcrais do exército da fé,
A capa de Tartufo, a loba de Claret,
A cogula do monge, enfim, tudo o que seja
Cor da noite, arrancai o velho crepe a igreja,
Dos caixões descosei os panos funerários,
Tisnai co'a vossa língua as alvas e os sudários,

E se inda precisais mais sombras, mais farrapes,
Pedi ao corvo a asa, o ventre imundo aos sapos,
Fabricai disto tudo uma cortina imensa,
E tapando com ela o sol da nossa crença,
Nem mesmo assim fareis o eclipse da aurora!
A consciência não é a besta duma nora.
Lembraí-vos que o Progresso é um carro sem travão,
E que apagar em nós o facho da razão
É' o mesmo que apagar o sol, quando flameja,
Com um apagador de lata duma igreja.

Bonzos, podeis dizer á humanidade — Para! —
Co'a foice excomunição podeis ceifar a seara
Da heresia: podeis, segundo as ordenanças,
Meter pedras de sal na boca das crianças,
Fazer do Deus do amor o Deus barbaridade,
Chamar á estupidez irmã da caridade,
E jesuita a Jesus e Cristo a Carlos sete;
Vós podeis discutir junto da campá o frete,
Recoveiros de Deus, o frete que é preciso
Para irdes levar lá em cima, ao paraíso,
A alma dum defunto; ó bonzos, vós podeis
Ir pedir emprestado um exército aos reis
E defender com êle o papa, o vaticano,
Do cerco que lhe faz o pensamento humano,
Pondo adiante dum dogma a boca dum canhão;
Podeis encarcerar, dentro da inquisição,
Galileu; vós podeis, anões, contra os ciclopes
Roncar latim, zurrar sermões, brandir hissopes,
Que não conseguireis que a Liberdade vista
A batina pingada e rôta dum sacrista,
Que o Direito se ordene, e que a Justiça queira
Ir a Roma tomar, contrita, o véu de freira!

Guerra Junqueira

F

mais dessa fórmula para enriquecer do que o Vaticano...

Efetivamente, desde os tempos mais remotos, ainda muito antes de existirem padres e seus santos, já havia os milagreiros que faziam curas maravilhosas, que resuscitavam mortos, davam vista aos cegos, e outras coisas inconcebíveis na imaginação de qualquer ente normal.

No trabalho do dr. Whitaker (refere-se ao livro "Os Milagres do padre de Poá", do Dr. Aguiar Whitaker) há capítulos que poderiam ser publicados em qualquer dos vespertinos cariocas como descrevendo as cenas recentes de

MILAGREIROS

Rio Casca. E eles se referem ao que se passou, em Poá, no Estado de São Paulo, em 1941, quando a fama curativa de uma padre holandês, que ali vivia, começou a irradiar e tomou vulto tal que gerou idêntica onda de contágio mental.

“A pé de automovel e de trem, levava e levava de frangalhos humanos” — descreve o dr. Whitaker — despejavam-se na vila de Poá. Sem quaisquer recursos para abrigar forasteiros e por força da natura! superlotação que adveio com tal afluencia, Poá, passou a oferecer o mais confrangedor dos espetáculos, pois, de cambullhada com a miséria dos enfermos, medravam as explorações as mais torpes”. E mais adiante: “E’ bem de ver que, com tanta gente num lugarejo onde as condições sanitárias em tempos normais ficam muito a desejar, o ambiente que então se apresenta é tudo o que há de mais antihigiênico e que está a merecer sérias atenções por parte do Serviço Sanitário do Estado, pois não será estranhável a irrupção aí de uma grave epidemia. O povo, para satisfação das suas necessidades fisiológicas, invade os quintais e os terrenos em aberto, ocasionando tão mau cheiro por todo o canto que torna o ambiente repugnante e de verdadeira intolerancia geral”. E prossegue a narrativa, perfeitamente identica á que fizeram recentemente quantos foram a Rio Casca assistir aos milagres do padre Pinto.

Vejam os ainda como o sr. Mauricio de Medeiros explica a forma como se propagam os milagres:

"Nas ruas centrais do Rio a certas horas, principalmente quando o comércio fecha e todo mundo retorna aos lares, assistem-se a cenas deploráveis. Mela duzia de espertalhões mancomunados iniciam um pequeno ajuntamento. Um deles fala apontando para o outro e afirmando que aquele homem era um ceguinho de tal ou qual balrro, muito conhecido.

— Milagre! Um verdadeiro milagre! — afirma. Este homem vivia de esmolas. Agora voltou curado por milagre do padre Antonio.

Surge então um comparsa, olha bem para o homem indicado e exclama com ar muito admirado:

— E' mesmo! E' o ceguinho de Madureira! Eu o conhecia muito bem. Já lhe dei muito esmola. Ora, veja, como foi isso?

Pouco a pouco o grupo vai aumentando. Todos querem ver o ceguinho de Madureira que voltou curado. E o homem conta uma historia complicada, desde a generosidade dos amigos, que lhe auxiliaram a viagem. No ajuntamento multiplicam-se os comentários. Todos querem ver o ceguinho que voltou vendo... Em certa altura, um dos comparsas inicia uma subscrição ali mesmo, com o chapéu na mão, para organizar uma caravana de doentes que precisam de milagre. Comparsas do bando tomam a iniciativa de dar os primeiros obulos. Os não comparsas se contagiam. A coisa tem um ar todo natural. E ao cabo de poucos minutos o bando já fez uma fêria regular e vai com o ceguinho de

Madureira para outro ponto, onde ele pode passar de cego a paralisado de Catumbi, ou a estropiado de Vila Isabel...

E conclue, a propósito, da seguinte forma:

Tem a Igreja interesse nessa e noutras explorações?

Evidentemente não. Seu interesse estaria em trazer o padre que faz milagres para um grande centro, onde a sua obra divina tivesse maior órbita de ação. Isto para ficarmos dentro exclusivamente da tese segundo a qual há milagres.

Si a Igreja não o faz é porque sabe muito bem que em tudo isso há pura e simplesmente um fenómeno de auto-sugestão, para o qual é indispensável o preparo psicológico de uma longa e penosa viagem, os atropelos da romaria, os incomodos de uma permanência desconfortável em uma cidadezinha sem o menor conforto. Ponham o padre no Copacabana Palace e os milagres acabarão como por encanto..."

Com muita oportunidade, chega-nos da Itália o jornal que se publica com a responsabilidade de Gigi Damiani — "Umānitā Nuova" — em cujas colunas encontramos um artigo relacionado com os milagres de Lourdes, subordinado ao título sugestivo de, "*o trem branco*", que no Brasil se chamou o "*Comboio da Fé*". Traduzimo-lo e o publicamos para que os leitores possam tirar uma conclusão lógica dos propalados milagres do padre Antônio.

O TREM BRANCO OU O COMBOIO DA FE'

"O trem branco", que transporta doentes do corpo e da mente, partiu, mais uma vez, para a gruta dos milagres.

A capela de Lourdes reabriu-se de nova à peregrinação dos devotos e dos angustiados sofrendores de molestias tidas como incuráveis.

O sofrimento humano transforma-se em prolixo cortejo de seres que vão em busca da ilusão do prodígio.

Preparemo-nos para ler, dentro de poucos dias, nos jornais católicos as listas de numerosos fatos milagrosos. Daqueles que voltam, e serão a maioria, a grande massa, desiludidos, com o mais intenso desanimo, fracassados, reduzidos ao extremo pela viagem inutil, ninguém falará.

O milagre tem os seus privilegiados e os seus caprichos. Não é concedido a todos. E não basta crer, sofrer, implorar. É preciso estar apto, predisposto ao benefício.

Bem poucos serão aqueles a quem a fé restituirá a alegria de viver, devolvendo-lhes a vontade de resistir ao mal que os entrava, rejuvenescendo-lhes as energias vitais, no que nem sempre a medicina, com seus métodos empíricos, consegue resultados positivos.

Como sempre, teremos os beneficiados e os mercadores da superstição religiosa, que exploram a credence popular, com as honras da mais vasta publicidade.

Continua na pág. 29

"E amaldiçoarei as vossas bênçãos" (Malachias II, 2).

O papa abençoou as armas espanholas na última guerra entre a Espanha e os Estados Uni-

Há anos o Brasil recebeu a bênção papal: o



TRIBUNA ESPIRITA

OS LAZAROS MODERNOS

Naquele, como no presente tempo, os que, voluntariamente, fôgem da igreja de pedra, da Igreja romana, para se abrigarem á sombra do EVANGELHO do CRISTO, notaram e nótam o farisaísmo romano, quando o JESUS, nas horas sagradas de sua sementeira, resuscitou Lazaro.

Os sacerdotes de coração de pedra que já concertavam entre si a cilada que culminou com a morte do JUSTO, juntavam, a lista negra de seus nefandos crimes o nome de Lazaro, como nós diz o Evangelho escrito por São João.

Lazaro, amigo de JESUS, e irmão de Martha e Maria, fôra cadaver e por imposição das virtudes do MESTRE resuscitára, revivêra para vida humana para testemunhar o poder de JESUS que o subtraiu das trévas de um túmulo para luz da vida, fáto, que plasmado no céu e nas terras da antiga Jerusalém, glorifica JESUS, por toda eternidade.

Assim não pensaram os sacerdotes dantanho, como não pensam hoje os sacerdotes de Roma porque, é evidente, que o fanatismo dos tempos dos MESTRE ainda é o mesmo dos dias amargos que vivemos, apenas, com a diferença que hoje Jerusalém, se refere a civilização universal, á esta humanidade inteira que transita pelo planeta Terra. Para os sacerdotes romanos o MESTRE DIVINO deve continuar crucificado, e todo áquele que se afastar da tutela criminosa do Vaticano, deve como Lazaro moderno, morrer, desaparecer, guardar no túmulo sua liberdade de pensar e de amar o CRISTO JESUS, o JUSTO, o SÁBIO o BENFEITOR

Escreve *Almirante Carlos' Borges de Faria*
da Cruzada dos Militares Espiritas.

“Soube pois um crescido número de judeus que JESUS estava ali, e vieram, não somente por causa d'ELE, senão também para vêrem Lazaro. Porém, os principes dos sacerdotes assentaram matar também Lazaro”.

São João Cap. 12-9/10

que não tinha em sua Cabeça a tríplice corôa de ouro, por não ter, na terra, um lugar onde repouza-la. E todo áquele que, pelos EVANGELHOS DO MES- TRE, se renovar em CRISTO, dando ás côstas as trévas do Vati- cano, é um novo Lazaro que devo ser morto, deve desapare- cer; nêste número, nêsta lista, nêsta fila, com certeza, se en- contrará o nome do antigo bis- po de Maura, hoje, Graças a DEUS, Bispo do Rio de Janeiro. o novo Lazaro, que ousou o gran- de crime de fundamentar a Igre- já Católica Apostólica Brasilei- ra na verdadeira doutrina cris- tão porque das trévas, da reli- gião pagã, resuscitou para Luz de CRISTO JESUS.

A Igreja Brasileira, Graças a DEUS, já conta em seu seio bendito um número grande de sacerdotes, que agora, se sentem

resuscitados, trazidos, por mão Evangélica á claridade da fé meditada, após terem atravessado o sepulcro do ódio, do crime, da indiferença entre os romanistas que, em suas igrejas vazias de fé e de sentimentos cristãos comeciam com as coisas Santas do PAI.

Farizeus de todos os tempos, hipócritas e desleais, saibam que os Lazaros que se unem ao AMOR do MESTRE AMADO vencerão a terrível luta regiliosa que, pouco a pouco se fundamenta, não só no Brasil como no mundo inteiro, porque os tempos de renovação espiritual se iniciam e com eles, se ergue, se levanta, em beneficio dos brasileiros que, em verdade sem crêncas, sem fé, e sem DEUS, esta nova Igreja, que plantará no coração de todos, os Verdadeiros Ensinamentos de JESUS.

BOM PARA TODA
A FAMÍLIA



Ação Triplíce

- 1 NEUTRALIZA o excesso de acidez no estômago.
- 2 LIMPA suavemente os intestinos.
- 3 REGULARIZA o aparelho digestivo.

LEITE DE MAGNÉSIA
DE
PHILLIPS

Noticias "Romanas"

PADRES ESPIÕES

Cidade do Vaticano — Janeiro — 1948 — (Correspondência Especial para LUTA) — Um alto funcionário comentou aqui a respeito de despachos da imprensa que anunciavam a prisão de padres iugoslavos que confessaram haver enviado mensagens pelo rádio "por ordem do Vaticano".

Segundo informações dadas pela "Tanjug", agência oficial do Governo da Iugoslavia, 15 padres foram condenados a prisão, uns a uma semana, outros a 16 anos de trabalhos forçados, acusando-os de espionagem e de operar rádiosmissoras sem licenças, além de cometer atos contra o governo.

Outras agências de notícias, particularmente dos Estados Unidos, afirmam que pelo menos 19 padres e monges foram "processados e sentenciados" durante os últimos dez dias pelas cortes iugoslavas, depois de serem declarados convictos de vários delitos, como o manejo ilícito de rádio-emissoras, espionagem a serviço de uma potência estrangeira, atentados contra o governo e ajuda na fuga de criminosos de guerra.

As penas oscilam entre 6 meses e 16 anos de trabalhos forçados e em alguns casos o desterro, uma vez cumprida a sentença. Os processos tiveram lugar em Pola (que em setembro passou de italiana a ser iugoslava), em Ljubljana e Maribor, na Eslovénia. A maioria dos réus é constituída de padres e franciscanos, entre eles Frei Simpliciano Albino Gomiero, superior do Mosteiro do Santo Antonio, em Pola, o qual, segundo afirma a agência oficial iugoslava "Tanjug", "confessou operar sem licença uma rádio-emissora no mosteiro por ordens do Vaticano". Rafael Mario Radossi, Bispo de Pola. O Padre Gomiero foi condenado a 16 anos de trabalhos forçados.

Em Maribor, uma monja foi condenada a três anos, e duas companheiras a 16 meses de prisão, acusadas de ajudar criminosos de guerra em sua fuga. Valentim Stiler foi sentenciado a 7 anos.



OS NOVOS CARDEAIS E SUA
-- INDUMENTARIA --

A Cidade Eterna está se preparando para elevar 32 prelados da igreja católica romana ao colégio cardinalício. A cerimônia terá lugar no Consistório da Vila Anastácia antiga residência de Afonso XII da Espanha, que foi preparada para a hospedagem dos noves cardiais. Enquanto se concluem os preparativos da recepção, os alfaiates Tanfani e Bartarelli, fornecedores do Vaticano, estão atarefados na execução das novas indumentárias cardinalícias. Cada vestimenta com-

pleta custará cerca de 200.000 cruzeiros. Somente o casaco leva 17 jardas de "moiré" cetim e purpura. Como complemento há ainda um manto de "ermine"; uma cruz de ouro e pedras preciosas e um anel também de ouro com rubis e esmeraldas. Na foto vemos um aspecto colhido nas oficinas de costuras dos alfaiates Tarfoni e Bartarelli em Roma, quando uma das vestes cardinalícias eram submetidas a prova final (INS).

No julgamento de Ljubljana
três padres acusados de rece-
ber "propaganda monarquico-
fascista" de Monsenhor Gre-

gor Rozman, Bispo de Ljubljana no desterro, sofreram penas de dois, cinco e seis anos de trabalhos forçados.

Irmandade de Ramos



Vemos um aspêto da entrada triunfal da Procissão da I. C. A. B. em Ramos no dia 11-1-1948 e um detalhe da Benção da Imagem de N. S. das Dôres doada pelo sr. Manoel Ramos, tesoureiro da Irmandade de N. S. das Dores de Ramos.

SOCIAIS



A esquerda um aspêto do enlace Flamarion Aguiar e Helenita de Aguiar Brito, em 31 de dezembro de 1947. A direita, Vilma Amaral Dias, filha de Ricardina Amaral Dias. Foto da 1.ª comunhão em 20 de janeiro de 1948.



Os frascos contendo líquido vermelho, fingindo sangue, que escorria das feridas de Santos de gesso, velas de ferro imitando velas que nunca se apagavam, tubos que comunicavam com a sacristia e abobada da igreja para simular vozes celestiais, enfim, milhares de cousas inventadas pela velhacaria para subjugar a imbecilidade.

O próprio Papa Gregório, o Grande, que instituiu e sancionou o celibato dos padres, mandou escoar um lago existente próximo a um convento de monjas, e nele foram encontrados para mais de seis mil esqueletos de crianças!!!

Draper (Les crimes des Papes — Lacnatre) em seu Relatório ao Rei da Inglaterra diz: *Contou-se mais de cem mil mulheres corrompidas pelos padres* o que levou o governo inglês a suprimir os conventos.

No Oriente, os frades tornaram-se os janissaros do ignoratismo; os mais fanáticos punham bibliotecas pagas para queimá-las; destruíam as obras de arte; surravam os herecos, assassinavam, em nome de Deus. Mais tarde eles se tornaram odiados da cristandade pela sua preguiça, pela sua sensualidade, pela sua insolente riqueza; eles escandalizavam a igreja pelos seus incessantes conflitos com o clero secular, ou por violentas querelas que as Ordens mantinham entre si: "Conheci a árvore pelo fruto, já dizia Jesus". (Wilfred-Mono-Du protestantisme).

Não está aí o escândalo passado com os bens de mão morta da nação brasileira, durante o reinado de Rodrigues Alves sendo seu Ministro J. J. Seabra, bens que, por decreto Imperial, respeitado pela nova Constituição da República, passariam a pertencer a Nação pela morte do último frade ou freira brasileira, sendo daí por diante proibido todo e qualquer noviciado? E, como só existissem no advento da República unicamente dois velhos frades, genuinamente brasileiros, frei Bento e frei João do Amor Divino, a reversão daqueles bens não deveria demorar.

Para os frades estrangeiros, porém, que enchiam os conventos, urgia que tal não se realizasse, e por meio de um

solisma, que consistia em naturalizarem-se brasileiros, alguns frades alemães, novamente importados, que lá residiam, tornaram-se brasileiros e milhares de contos de réis da nação, em dinheiro, jóias, antiguidades e inúmeras propriedades, inclusive os mosteiros, passaram-se para o Patrimônio do Vaticano, não sem relutância da parte da imprensa e do povo esclarecido que, afinal, foi facilmente subjugado pela cavalaria! É verdade que isto valeu ao Brasil, o Chapeu Cardinalício... e ao Sr. Rodrigues Alves um bom lugar no céu!

Qual será o patriótico governo que fará reverter este patrimônio à Nação?

Mas, ainda há cousas mais graves, ultrapassando as raras da desfaçatez e constituindo o ato mais audacioso a que se não atreveria qualquer *trust* estrangeiro. É o fato que se deu no Estado de Mato Grosso. A missão Salesiana obteve, em 1921, do governo desse Estado, permissão para usufruir por 10 anos, um latifúndio de 500 milhões de metros quadrados (território maior do que o de muitas nações europeias), na melhor e mais rica zona do Brasil. Terminado este prazo em 30 de julho de 1931, continuou a Missão na posse usufruto e, em vez de pelo menos, pedir renovação de Concessão, interpoz, muito ingenuamente, o pedido de *doação gratis* daquele território!

Felizmente a "Coligação Nacional pro Estado Leigo" interveio em tempo, mandando um manifesto ao Sr. Getúlio Vargas, então chefe do governo provisório, cujo texto foi publicado pela "Vanguarda" em 7 de março de 1932.

Existe, porém, um fato que bem mereceria a atenção das nossas autoridades. É o da crescente proliferação de congregações religiosas, sob diferentes invocações e exquísita indumentária, cujos fins, aparentemente destinados a caridade, são transviados em benefício dos que as dirigem.

Para isso empregam um simulacro de medicância que, mais propriamente, se classificaria de exploração do povo e dos incautos comerciantes, co-

mo varias vezes tem sido desmascarados pela imprensa seria.

Além disso, é tão curiosa a homenagem prestada a essas congregações que as próprias autoridades sanitárias não tem ingresso naqueles *sagrados claustros*, a não ser acompanhados do bispo em pessoa, o qual, decerto, não está disposto a esses passeios higiênicos, ao passo que collegios particulares e casas de família são invadidas diariamente por legiões de funcionarios a cata do stegomia dentro dos armarios acabando por se por fora o vasinhame dos quintais, onde os animais bebem agua, deixando-os morrer a sede.

Que vemos ainda pelo lado das finanças do país? Absoluta isenção dos pesados impostos de que se acham onerados, commercio, industria, artes liberais, etc., quando as escolas de congregações e as igrejas não passam de casas em que se negociam ensino, missas de varias categorias, batismos, casamentos, enterros, talismãs, etc., dessa renda sai unicamente o *dinheiro de S. Pedro*, remendo anualmente aos milhares de contos de reis para as arcas do Vaticano.

Pelo lado patriótico, que vemos ainda?

Isenção do serviço militar e outras obrigações sociais aos noviços ou padres jovens, em condições de pegar em armas, sob o curioso pretexto de que isto é contrario aos principios do cristianismo! Não serão esses principios os mesmos dos outros credos cristãos? São esses incoerentes privilegios a um credo não reconhecido official, que ofende a dignidade uma parte da nação que por ela não se gula!

Ah! si um dia no Brasil houvesse uma explosão de indignação como a que houve na tempestade na ultra-catolica Hespanha, na Italia, sede do catolicismo e em outras rações, e o povo invadisse suavemente esses antros satânicos, certo e que a suposta maioria catolica sorriria bastante na sua percentagem, encontrando ali, em vez de santas mumificadas, uma verdadeira fábrica de anjos, senão uma nova forma

DIVORCIO

(Cont. da pág. anterior)

to, do matrimonio, não haverá ta Machado. "si alguém sair pela sociedade brasileira e pelo mundo e perguntar a um católico de boa fé quem é o ministro do casamento não haverá ninguém que não diga que é o padre; mas, se disser, como eu já tenho dito a muito, homem inteligente, que, segundo a nova doutrina da Igreja, o casamento é o sacramento e ministros são os nubentes, eles não acreditam."

"Agora, sr. presidente, nisto tudo há um fato notável: se esta interpretação prevalecesse, então o que significaria o artigo 4º do preambulo? Se, segundo o preambulo, falsificado o acusativo, passando a ser ablativo, o casamento é o sacramento, pergunto: os antigos casamentos — "con-nubium" — legítimos e válidos de direito natural e civil não seriam esse sacramento? E, se seriam, como é que o Sacramento lhes dá relevancia? Força-se a ordem das coisas, a consequencia é um absurdo?"

A indissolubilidade do casamento foi uma inversão do Concilio de Trento.

O divorcio é seu conseqüente: quando se rompe o vinculo, ele se impõe. A lei, regulando-o evita o abuso de seu emprego. Afastalo da lei porque é passível de abuso, seria inoperante. Teriamos que fazer outro tanto com outras coisas. Argumenta, neste sentido, o sr. Costa Machado. "Então sejamos lógicos se se condena uma faculdade um direito por causa dos abusos, então façamos tábua rasa de todos os direitos; comecemos por acabar com a liberdade de imprensa, porque... se tem produzido grande beneficios á sociedade, tem se abusado muito dela." Acabemos com a forma republicana ao despotismo. Acabemos com as estradas de ferro, porque há muitos desastres e morre muita gente neles. "O argumento é fraquissimo, porque de tudo se abusa."

Já nos alongamos bastante nas citações do sr. Costa Machado. Expliquemos os números de nosso titulo: 75x38. Foi o resultado da votação do projeto n. 42 na sessão de 3 de outubro de 1894. Tratando de assunto de su-

ma importancia, porque iria introduzir uma nova instituição em o nosso Direito, o sr. Holanda Lima pediu para o projeto a votação nominal. A Camara dos Deputados se compunha de 184 membros. Aquella sessão compareceram 116. Três deixaram de votar. Temos portanto, que os votos favoráveis chegaram a 20% e os contrários 40%. Os outros 40% evitaram pronunciar-se, e foi pena, porque de certo, não eram indiferentes ao assunto. Talvez motivos políticos os aconselhassem a abstenção.

Vejamos, por exemplo, alguns dos votos. Clovis Beviláqua, simpatizante do Positivismo, achou que a questão era da mais alta monta e não seria compatível com o momento nacional já em luta com tantos elementos dissolventes. "A parte ignorante do clero católico, esses estrangeiros comissionados em clérigos, pode-se assim dizer, que aqui andam explorando a religião como industria rendosa, combatem tenaz e estultamente a instituição do casamento civil, e são conhecidos os resultados perniciosos produzidos por essa propaganda inepta, que não está nem pode estar nos verdadeiros intuitos de sua igreja..." "Em casos especialissimos eu não recusaria o divorcio... mas acho que "por enquanto" a lei existente é mais do que sufficiente.

O sr. Valadares, deputado mineiro, declarou que representava os católicos de Minas e votava contra. O divorcio poderia vir quando a opinião pública pedisse, como aconteceu com a lei que aboliu a escravidão, que veio quando o proprio negro já se considerava livre. O divorcio era idéia de u'a minoria que a pre-

tendia impor. O sr. Ildefonso Lima achava que o divorcio converteria a mulher em vitima. Comparava divorcistas a anarquistas. O sr. Tomaz Cavalcante, positivista, achava que a mulher é para o lar e o divorcio era uma liberdade que não lhe convinha: bastava-lhe a prole ou a religião. Ou mulher ou freira. Se era infeliz, preferia que a mulher entrasse num convento. Divorciar-se nunca. Bela maneira de fazer catequese! O sr. Eduardo Barreto, distinguia a lei politica da religiosa, e esta da doméstica. Eram domésticas: o casamento a abstinência. Eram politicas, o código civil, o penal, a lei eleitoral. Eram domésticas: o casamento a separação dos corpos e o divorcio. Votava contra porque o divorcio provocava o abuso, trocando-se mais facilmente o útil pelo agradável. Entendia que era matéria sem utilidade, o divorcio.

Outros votos, uns contra: outros a favor. Seria muito longo transcrever-los, mesmo em resumo. O leitor interessado no assunto procurará os Anais da Ca-

mara dos Deputados naquella anno de 1894, quando se malogrou no Brasil, a primeira tentativa pro-divorcio.

Oportunamente mostraremos como se refletiu na imprensa a idéa que o projeto n. 42 queria implantar a hem da moral, nesta sociedade que hoje conta alguns milhões de casais infelizes a espera da medida que lhes virá possibilitar uma vida decente, sem concubitos, sem casas militares e que não concorram para aumentar ainda mais o número de prostitutas que foram virgens e puras e se casaram para constituir um lar, onde a sua prole fosse amparada, educada e não convertida, de futuro, em maus elementos, revoltados contra uma sociedade que, hipocritamente aceita o erro, a infâmia, para se conformar com a "vontade de Deus" de um "deus" feito a imagem de cinicos e canalhas que vivem abusando do Seu nome sem uma lei que os puna, sem uma lei que corrija o peor dos abusos: a falsa moralidade.

"O Estado" — Niterói — Rio de Janeiro — 21-12-45



Cont. da pág. 19

E mostrando as feridas que cicatrizam, os tumores que secam, os olhos que estavam cegos e que adquiriram vista, gritarão: curvai-vos, ó incrédulos, diante da intervenção positiva e infismável da graça divina!

Certamente que haverá também os que foram a Lourdes com uma perna de pau e voltaram com a mesma perna de pau; os que para lá partiram com um olho de vidro e voltaram com o mesmo olho de vidro... porque a potencialidade miraculosa do sobrenatural encontra os seus limites no natural.

Nenhum deus presente ou passado, nenhuma deusa cristã ou pagã, nenhum taumaturgo ou curandeiro conseguiu até hoje restituir um membro a quem o houvesse perdido. A própria natureza é parca na realização de tais "milagres".

A interpretação dos milagres dada pelas religiões, principalmente pela religião católica, não subentende a intervenção de forças naturais mais ou menos evidenciadas, ou ainda refratárias às nossas indagações e à nossa inteligência, mas a ação poderosa de um poder sobrenatural, extra-humano.

Vontade, repetimos, caprichosa e que se manifesta por excepções. O aspecto geral das misérias humanas não lhes interessa.

Para os antigos o milagre era sobretudo o maravilhoso, o acontecimento extraordinário. E uma tal interpretação de milagre ficou generalizada pela força do hábito no sentido comum. Se, por exemplo, um industrial entregasse a sua fábrica aos operários que nela trabalham, todos gritariam que era um milagre... Se, ainda um exemplo, certa manhã, nos levantássemos, e a lermos os jornais verificássemos que os preços dos artigos de que necessitamos não sofreram aumento de preço, seria um milagre!...

Maç a interpretação que os padres romanos e os fanáticos dão ao milagre diverge daquela que ficou no uso, como força de expressão, entre os latinos. Refere-se exclusivamente a intervenção de fatos imponderáveis que se confundem com a suprema divindade. Intervenção excepcional que, através de um gesto filantropico, se propõe, acima de tudo, manter viva a fé no sobrenatural.

Mas, dirão, as curas prodigiosas são fatos concretos...

Gra, aparte a fraude, o charlatanismo e as alucinações, nós nos encontramos evidentemente em face de casos de auto-sugestão e de sugestão que atuam beneficentemente no organismo, principalmente nas moléstias de caráter psíquico que teem origem no sistema nervoso.

Em verdade, nós nos conhecemos ainda muito pouco, pouco sabemos ainda das forças que restam ocultas em nós, bem como das forças que nos rodeiam e das quais ás vezes nos servimos.

A sugestão e a auto-sugestão, que entram no domínio das hipnoses, já veem sendo aproveitadas por muitos estudiosos e pesquisadores da ciência, e até mesmo exploradas por charlatães que nunca serão beatificados.

Os próprios tribunos populares se valem da força de sugestão quando falam ao povo, nos períodos de campanha eleitoral, quando prome-

Santiago, 21-1-48 — “Correspondência especial de LUTA!” — Confirma-se, nesta Capital, que o número de vítimas em consequência do naufrágio ocorrido com o vapor “Caudin” que transportava mais de 300 beatos romanos numa procissão religiosa a San-Sebastian eleva-se a cem.

Os grupos de salvamento trabalharam durante toda a noite passada, recolhendo cerca de sessenta cadáveres em sua maioria mulheres e crianças.

O naufrágio ocorreu mais ou menos á meia noite de ontem, no rio Imperial e segundo se acredita o motivo foi o número excessivo de passageiros de vez que o barco tendo apenas a lotação de 100 pessoas teve sua lotação triplicada pela ganancia dos padres que organizaram tal peregrinação.

Consta que os parentes das vítimas ficaram alarmadíssimos com tão infausto acontecimento maldizendo a hora em que seus entes queridos abandonaram seus lares para buscar em San-Sebastian a bênção fatídica do "papa".



têm milagres de toda a espécie, especulando com a boa fé dos eleitores, os quais, por sua vez embarcam no trem branco ou vermelho que deve conduzi-los às urnas: auto-sugestionam-se aguardando o milagre da sua sorte, não por obra própria, mas esperando que os charlatões da política resolvam os seus problemas.

A Pleble — S. Paulo — 15-XI-47).

O Celibato Sacerdotal como fator de aberrações sexuais

Cont. da pág. 12

magis placet mugitus bovis vel grunitus porcorum quam cantus presbyterorum luxuriantium.

Outro escritor não menos autorizado, Polidoro Virgílio, assim se manifesta sobre os malefícios decorrentes do celibato sacerdotal:

"Um casamento honesto é preferível a um celibato forçado. Não há instituição que tenha causado maior dano à religião e inspirado maior desgosto a todas as pessoas de bem, do que o celibato, porque foi e será sempre para os padres uma ocasião contínua de libertinagem e desordem. Também seria muito mais vantajoso para a sociedade, e para os eclesiásticos mesmos, que se restituísse o antigo direito de se casarem aqueles que o quizerem. Pareceria com efeito, mais honesto vê-los cumprirem castamente os seus deveres conjugais, em vez de se poluírem, como fazem, com as mais vergonhosas desordens".

No fim do século XVI conta Cornélio Agripa que o papa Sixto IX fundou em Roma um aristocrático lupanar — *nobile admodum lupanar* — tendo fixado a taxa de um julo por semana que cada prostituta deveria pagar. A renda atingia anualmente a vinte mil ducados. Estevão Esfessura diz em seu *Diarum Romanum* que aquele pontífice era amante de crianças e sodomita: *puerorum amator et sodomita fuit*. Esses e outros fatos relatados com mais detalhes constam da obra do abade Julio Claraz — *Le mariage des prêtres*, editada em 1912. Mais impressionantes são os que H. Climon recolheu no seu livro — *La séparation intégrale*, ocorridos entre 1889 e 1900, isto é dentro do espaço apenas de um ano, todos eles constando dos arquivos judiciários de um único país, a França: Abade Vernoux, cura de S. Germain-Beaupré, cinco anos de reclusão por atentado ao pudor sobre crianças; L. Bailly, padre missionário, um ano de prisão por ultrajes aos costumes e atentados ao pudor sobre três rapazes; J. Edward, do orfanato de la Roche-Arnaud, dezoito meses de prisão por atentado ao pudor; Barras, vigário de Coulevre, seis meses de prisão por ultraje aos costumes; Coince, cura de Bouconville, vinte anos de trabalhos forçados por contumácia em atentados aos costumes; Salens, cura d'Aix-en-Orchies, um ano de prisão e 200 francos de multa por ultraje aos costumes em estrada de ferro; Butud, padre seminarista em Autun, vinte dias de pri-

são por ultrajes públicos ao pudor; Irmã Tereza Ramiero, cinco anos e cinco meses de prisão por ter vendido a aliciadores de prostitutas, para o estrangeiro, orfãs confiadas à sua guarda; abade Delamarre, diretor do pensionato Santa-Maria, em Aire, dois anos de prisão e 500 francos de multa por excitar menores ao deboche; A. M. Rouviere, em religião Irmão Auxile, professor de uma escola congreganista em Compiègne, seis meses de prisão por ultraje aos costumes; Irmão Genis Bazin, diretor do orfanato Denuzières, em Croix-Bousse, quatro anos de prisão por atentado ao pudor sobre órfãos; Dupont, vigário em Saint Jule de Bizieres cinco anos de prisão por atentados ao pudor sobre meninos de côro; A. Halleray, clérigo de Saint-Victor, professor congreganista em Cambraia, sete anos de trabalhos forçados por atentados ao pudor sobre crianças confiadas aos seus cuidados; Queron, cura de Saint-Brice, cinco anos de reclusão por atentados ao pudor; A. Bidard, cura de Saint-Martin des Pezerits, quatro anos de prisão por atentados ao pudor sobre meninas; Abade Lebouc, cura de des Ecrennes, cantão de Chantellet en Brie, condenado a trabalhos forçados à perpetuidade, por contumácia em atentados ao pudor sobre meninos do catecismo; o padre Lebouc, antes de ser cura, de des Ecrennes, tinha sido condenado a cinco anos de reclusão por atentados ao pudor sobre meninas da primeira comunhão. Seguem-se muitos outros casos análogos ou idênticos não só verificados na França, como na Alemanha e na Itália, os quais deixamos de citar porque já vai extensa a relação dos acima apontados. São os que vieram a público, emaranhados na trama da justiça penal. Caucule-se que cifra não alcançaria os que passam despercebidos pelo mistério que os envolve, ou sob o silêncio que sobre eles se faz, sobretudo, nos países de maioria católica, onde as autoridades eclesiásticas facilmente dispõem da obediência e discrição das autoridades civis? Que coisas espantosas não revelaria um rigoroso inquérito nos milhares de conventos e de internatos educacionais, que há por este mundo afóra, até hoje privilegiadamente indevassáveis a uma saneadora polícia de costumes?

Mas não é esta a conclusão a que queremos chegar, sim, mostrar que ali se ostenta uma chocante documentação clínica de distúrbios morais que explodem como uma resposta brutal à férrea disciplina com que se pretendeu e ainda se pretende conter, mutilar, extinguir um instinto, tanto mais impetuoso e rebelde, quanto mais reprimido, comprimido por um convencionalismo postico, monstruoso e absurdo.

Prefiram o



TRIXKIRA

ALFAIATE

Rua da Constituição, 10 - 1.º and.

Fone 22-7368

COM QUEM A VERDADE?

Uma síntese das reformas imediatas a serem introduzidas no culto ROMÂNICO propostas pelo ex-Bispo de Maura

escreve JAYME DE FIGUEIREDO Secretário Geral de "LUTA!"

O meu Ilustrado compatriota e xará, D. Jayme de Barros Câmara, deve andar muito atarefado ultimamente. Só posso atribuir a sua ausência no debate que já repercute por todo o Continente Americano, debate motivado pelas novas diretrizes traçadas, para a Igreja Católica, pelo ex-Bispo de Maura e atual Bispo do Rio de Janeiro, às suas inúmeras ocupações políticas sejam elas religiosas ou leigas.

Realmente, parece incompreensível não tenha o príncipe romano respondido até hoje aos libelos formulados pelo fundador das Igrejas Católicas Apostólicas Nacionais, entre os quais sobressai o último, divulgado em sessão solene na ABI, no qual S. Excia. Revma. D. Carlos Duarte Costa denunciou as catilinárias do clericalismo romano apostrofando:

"Os caixeiros internacionais do papa, de batina ou sem batina, dizem, escrevem, murmuram, cochicham e propalam, muito de indústria, que eu sou um IMPOSTOR... Porque, sendo, como ninguém pode negar, tão Bispo como o transviado Bispo de Roma, nego-me a receber suas ordens malignas e suas instruções pífidas — que ordens e instruções — a exemplo dos apóstolos que represento — eu só as recebo quando emanadas do Alto, de Cristo Nosso Senhor... Que eu sou COMUNISTA... Porque acredito no evento de uma era em que todas as religiões estarão fundidas em uma só, num mundo sem fronteiras políticas, econômicas ou raciais, num mundo em que não haja lugar para a exploração odiosa do fraco pelo forte, num mundo em que imperem os princípios básicos do SOCIALISMO CRISTÃO que preceitua que os BENS NATURAIS pertencem à COLETIVIDADE e os BENS ARTIFICIAIS pertencem aos QUE OS PRODUZEM. Que eu sou um MENTIROSO... Porque prego o verdadeiro Evangelho de Cristo, o Evangelho da Verdade! Que sou VINGATIVO... porque, a exemplo de Cristo, vibro o latego da indignação para expulsar de minha Terra, para desmascarar perante o mundo inteiro os modernos vendilhões do Templo. Que eu sou INTERESSEIRO... porque desprezei e desprezo, em proveito da felicidade de meu povo, as honrarias e o fausto em que podia estar vivendo e em que vivem os que me injuriam! Que eu sou um VISIONÁRIO... Porque sempre preguei e prego, como Cristo pregou, que todos os Homens são iguais, que o Pensamento é Livre como a Livre é o direito de externá-lo, e que Deus não é propriedade particular e exclusiva de ninguém, de nenhuma doutrina, de nenhuma seita religiosa! Que eu sou um EXIBICIONISTA... Porque profiro aos sacerdotes o uso da batina fora das horas destinadas ao culto. Porque condeno o hábito da tonsura por ser uma tentativa de ressurreição da casta sacerdotal das Idades remotas. Que eu sou um JACOBINO... Porque considero católicos brasileiros todos os indivíduos de TODAS as nacionalidades do mundo, de TODAS as religiões ou crenças, desde que habitem em território nacional e sigam a Cristo embora o considerem como DEUS, como FILÓSOFO ou como Homem... Que eu sou um IMORAL... Porque reverbero contra a instituição imoralíssima do confissionário. Porque não admito o celibato obrigatório dos padres por anti-natural e pernicioso. Porque aceito e proclamo a necessidade

da decretação de um estatuto, severo, regulamentando a aplicação do DIVÓRCIO — remédio usado na quase totalidade dos países do mundo — em substituição ao diploma, prostituído e impraticável, do DESQUITE! Que sou em EXPLORADOR... Porque preconizo o trabalho obrigatório para os sacerdotes. Porque pretendo que os Templos, as Igrejas, as Capelas e as Casas de Oração, depois das horas estipuladas para a celebração do culto, sejam aproveitadas como escolas onde as crianças e os adultos pobres recebam instrução gratuita, procurando eliminar assim o analfabetismo — a maior chaga que corroa o organismo nacional. Porque desejo que se aplique a quase totalidade do montante das esportulas depositadas em caixas e sacolas, para santos e santas, não na engorda de padres, mas sim na educação, no trato e na proteção aos necessitados. Porque, finalmente, repilo, como nojenta e repugnante, a taxação argentária dos sacramentos. Que sou um TRAIADOR... Porque me bato pelo uso da língua vernácula em todos os templos nacionais. Porque corno de vergonha e tremo de indignação quando vejo o exército brasileiro poluído com a admissão de "capelães militares" — estrangeiros pela obediência — ligados por juramentos fidei-jurados à mais odiosa de todas as potências políticas, o IMPÉRIO DO VATICANO — envergando fardas de coronel, usando como escudo o santo nome de Cristo numa blasfêmia irrisível à sua doutrina de Paz e de Amor. Porque me revoltou, na minha parte humana, quando assisto a condecoração do chefe natural, do chefe ostensivo, dos mesmos Franciscanos que — em Cabo Frio — davam sinais para que os nossos navios fossem afundados, para que os nossos irmãos fossem assassinados, enquanto por outro lado, vejo que os pracinhas da FEB, que vieram desajustados ou mutilados, dos campos de batalha da Europa, morrem desiludidos, abandonados e esquecidos, desamparados e repudiados, só restando à grande parte deles, o implorar esmolas nas portas das Igrejas onde enriquecem cada vez mais os traidores de ontem, hoje recompensados — com a MEDALHA DE GUERRA — na pessoa de seu chefe purpurado.

Propalam ainda, venenosamente, que MUITO TARDE ME REBELEI... Só Deus, meu Criador, a quem devo prestar contas sabe, que só no demorei no antro de perdição, que é a Igreja Romana, obcecado pela idéia impraticável que tive de REFORMAR, de CRISTIANIZAR, POR DENTRO a Instituição a que pertenci e que abandonei desiludido, por ver que ela teimava, como teima, em se despenhar num auto-suicídio, pelos insondáveis e escuros abismos da MENTIRA!

Desde BOTUCATU onde tudo fiz e onde o pouco que possuía entreguei ao nobre povo de São Paulo para que se libertasse e libertasse o meu país e o meu povo da Opressão e da Ditadura, até a Capital da República onde venho, acompanhado por um punhado de patriotas, consumindo na luta, aparentemente desigual, os últimos anos de vida que me restam, só tenho tido em mira a libertação econômica, política e religiosa de minha gente".

Qual a resposta até hoje dada a esse libelo por meu nobilíssimo xará?

Silêncio, falsa atitude contemplativa...



VOCÊ DEVE AJUDAR A "NOSSA" "LUTA!"

CAMPANHA DAS 10.000 ASSINATURAS

Afim de seja assegurada definitivamente a vida econômica desta revista, e consequentemente a sua publicação regular, precisamos conseguir-lhe assinantes. Com 10.000 assinaturas, "LUTA!" terá sua vida garantida.

Precisamos, pois, conseguir DEZ MIL ASSINATURAS. E não será difícil — se todos os amigos da I. C. A. B., se dispuserem a trabalhar, conseguindo assinantes entre os simpatizantes do nosso movimento, entre amigos da revista, etc.

Mão à obra, pois, sem perda de tempo! Eis uma excelente ocasião para que demonstremos nosso interesse pela causa da libertação religiosa de nossa Pátria, da qual "LUTA!" é o primeiro e único porta-voz na imprensa brasileira.